

Identidade e interculturalidade na banda Arandu Arakuaa

Identity and interculturality in the band Arandu Arakuaa

Luiz Felipe Sousa Curvo
Instituto Federal do Maranhão - IFMA
Barra do Corda-MA-Brasil

Maritza Maciel Castrillon Maldonado
Universidade do Estado de Mato Grosso - Unemat
Cáceres-MT-Brasil

Resumo

Explorando as concepções de identidade e interculturalidade este artigo visa abordar amálgamas de elementos contidos na banda Arandu Arakuaa, por meio da pesquisa bibliográfica e entrevista semi-estruturada com o compositor Zândhio Huku. Criada em Brasília no ano de 2008, a banda se destaca pelo vanguardismo musical, misturando junto ao rock elementos regionais e indígenas. O uso de línguas como o Tupi, Xerente e Xavante, representa em si um movimento de autoafirmação cultural. Os estudos culturais nos apresentam uma dinâmica baseada na identificação, em processos de ressignificações, onde essas resistências criam novas formas de identidade, atuando também de forma política por meio de práticas interculturais. A estética apresentada é puro expresso de um devir musical imanente a uma ética de existência outra.

Palavras-chave: Arandu Arakuaa; Identidade cultural; Videoclipe.

Abstract

Exploring the concepts of identity and interculturality this article aims to address amalgams of elements contained in the band Arandu Arakuaa through bibliographical research and a semi-structured interview with the composer Zândhio Huku. Created in Brasília at 2008, the band stands out for its musical avant-garde, mixing regional and indigenous elements with rock. The use of languages such as Tupi, Xerente and Xavante, represents in itself a movement of cultural self-affirmation. Cultural studies present us with a dynamic based on identification, in processes of resignification, where these resistances create new forms of identity, also acting in a political way through intercultural practices. The aesthetic presented is pure expression of a musical becoming immanent to an ethics of another existence.

Keyword: Arandu Arakuaa; Cultural identity; Video clip.

Introdução

Este artigo objetiva relacionar e explorar questões sobre identidade cultural e interculturalidade presentes na estética musical e visual da banda Arandu Arakuaa. Formada em Brasília no ano de 2008, a banda cria uma ética e uma estética outra e se constitui musicalmente a partir de entre-lugares. A partir do conceito de interculturalidade, imanente à composição e à prática musical da banda, é possível perceber a cosmovisão indígena em um amálgama de elementos que tem como resultado uma musicalidade única, misturando uma base de heavy metal e rock, com música regional e sertaneja e música ritualística indígena.

Abordam-se aspectos como as línguas utilizadas (Tupi, Xerente e Xavante), os instrumentos musicais utilizados e pinturas corporais dentro da narrativa. Utilizou-se como método a pesquisa bibliográfica e documental, incluindo análise de vídeos, além de entrevista com Zândhio Huku, idealizador e compositor da Arandu Arakuaa.

Metodologia

Este artigo foi pensado a partir do desafio proposto pela disciplina “Educação, Diversidade e Interculturalidade”, desenvolvida no PPGEdU/UNEMAT. A proposta era pensar os conceitos desenvolvidos na disciplina a partir de uma realidade que os fizessem movimentar, ou seja, onde se pudesse perceber a imanência teórico-prática. Ao pensar conceitos de identidade, multiculturalidade, interculturalidade, diferença, hibridismo, pós-modernidade, entre outros, logo pensamos que a banda Arandu Arakuaa seria a imanência em si dessa teorização e que, conhecer sua existência pudesse contribuir para facilitar a compreensão desses conceitos.

Utilizou-se para a elaboração deste artigo, a pesquisa bibliográfica e documental além de análise de vídeos disponíveis *online* pelo site *Youtube*, utilizados como fontes de informação e referências para o contato com os vídeos e álbuns da banda Arandu Arakuaa. Segundo Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009), a pesquisa bibliográfica caracteriza-se por uma pesquisa a partir da produção científica escrita, seja por livros, artigos científicos, periódicos, enciclopédias, dicionários, etc. Para os autores, a pesquisa documental difere, pois, o seu conceito está além da ideia de escritos, incluindo como fonte de informação filmes, vídeos, slides, fotografias, arquivos, etc.

Outro método utilizado foi a entrevista semiestruturada, realizada em 2019 com o idealizador da banda, Zândhio Huku. Abordamos o entrevistado via redes sociais, que solicitamente nos atendeu e aceitou ao convite para nos conceder uma entrevista. Informamos a ele que a entrevista seria gravada em áudios e que, após, esses áudios seriam transcritos e utilizados na produção de um artigo. É válido notar que para Bodgan e Biklen (1994), as entrevistas têm o objetivo de obter informações a partir de uma conversa com uma pessoa ou grupo. As pesquisas qualitativas variam no grau de estruturação na entrevista, de acordo com os objetivos da pesquisa.

Recomenda-se aos leitores a experiência visual e auditiva como forma a melhor compreender os propósitos deste texto, ou seja, pensar, através da musicalidade da banda, conceitos emergentes e necessários para ser e estar neste mundo ambivalente, que é a pós-modernidade. Os *hiperlinks* estão disponibilizados ao longo do texto.

A banda Arandu Arakuaa

A banda Arandu Arakuaa foi formada em Brasília em 2008 com o intuito de misturar o *heavy metal* com a temática indígena. Arandu Arakuaa significa na língua Tupi “saber dos ciclos do céu” ou “saber do cosmos”. A proposta musical parte da experiência pessoal do compositor Zândhio Huku, que cresceu ouvindo rock, música regional e indígena em Tocantins, onde teve grande proximidade com a cultura étnica Xerente. A princípio a ideia era compor em língua Xerente, mas optou por compor em língua Tupi, entendida como uma língua de grande relevância para a História do Brasil. (ENTREVISTA, 2015).

Dessa forma, os primeiros trabalhos oficiais da banda, o EP homônimo, Arandu Arakuaa, de 2012, e seu primeiro álbum, *Kó Yby Oré*, de 2013, foram gravados na íntegra na língua Tupi antiga. A musicalidade, que inclui o peso do metal com elementos *folks* e regionais, demonstra características únicas evidenciando o vanguardismo da proposta, indo além do uso da língua dos povos originários para uma musicalidade que de fato busca criar um som imerso na interculturalidade, mesclando diversas concepções musicais e dando a elas novas significações.

Cânticos, chocalhos, apitos de pássaros, maracás e flautas (*bororo*, *uruá*, *enawênê-nawê*) fazem parte dos instrumentos musicais desse amálgama de elementos relacionados a diversas identidades culturais. Até mesmo o bumbo foi substituído pelo som do pé em determinadas faixas, literalmente, uma opção certamente experimentalista.

Identidade e interculturalidade na banda Arandu Arakuaa

É deste álbum, *Kó Yby Oré*, que foram produzidos os videoclipes das músicas *Gûyrá* (pássaro em Tupi), que fala da liberdade da vida na natureza; *Íakaré 'y-pe* (rio dos jacarés), produzido em desenho, com letras em tupi traduzidas para o português, e *Aruanãs*, que aborda a uma temática mitológica dos povos Karajá e Javaé.

O uso de pinturas corporais é um elemento marcante na estética visual dos vídeos da banda e também nos shows. As pinturas têm significados diversos para as etnias, para os clãs, podendo representar animais, árvores, a depender da cosmologia. Zândhio afirma utilizar da pintura inspirado em sua identificação Xerente. As pinturas corporais são utilizadas de forma crescente, até o ponto em que seu uso se difunde a todos integrantes da banda se tornando uma marca da estética visual da Arandu Arakuaa.

O segundo álbum da Arandu Arakuaa, *Wdê Nnãkrda*, lançado em 2015, é considerado um momento de maturidade no projeto de musicalidade desenvolvido pela banda. Neste álbum, além do Tupi, foram trabalhadas músicas nos idiomas Xerente, Xavante e também na língua portuguesa. Foram produzidos os videoclipes *Ípredu* (ancião na língua Xavante), gravados no Memorial dos Povos Indígenas em Brasília e *Hêwaka Waktû* (nuvem negra na língua Xerente), que retrata rituais relacionados à chuva.

Em agosto de 2018, a Arandu Arakuaa lançou seu terceiro álbum, *Mrã Waze*, com músicas em Tupi, Xerente e Xavante. Até o momento foram produzidos dois videoclipes, *Huku Hêmba* (espírito da onça em Xerente) e *Íasy* (lua, em Tupi antigo). Atualmente a banda é formada por Zândhio Huku (guitarra, voz, viola caipira, instrumentos indígenas), Andressa Barbosa (baixo, voz), Guilherme Cezario (guitarra, voz) e João Mancha (bateria, percussão).

Identidade e interculturalidade na banda Arandu Arakuaa

Como pensar identidade a partir de uma banda de rock híbrida como é a Arandu Arakuaa? A composição da banda, seu modo de existir e os efeitos que provoca nos fazem problematizar o conceito de identidade. Para Woodward (2012), no mundo contemporâneo, as identidades construídas pela cultura são contestadas. Assim, não é possível falar de identidade fixa, estável, única. As identidades são relacionais, cambiantes, diversas, ou seja, são produzidas a partir da posição que o sujeito ocupa no circuito da cultura. Nesse contexto, são as posições que assumimos e com as quais nos constituímos, na e pela linguagem, constituem nossas identidades.

A banda Arandu Arakuaa é, em si, pura expressão de uma identidade contestada. Ela guarda em sua musicalidade identidades múltiplas e diferenças que constituem sua

singularidade. Hall (2012), afastando-se de uma concepção essencialista de identidade, entende esta a partir de significações em constante devir relacionadas entre as narrativas do eu e os processos de identificação em percebidos na alteridade. Nesta concepção de identidade, esta construção se dá entre o sujeito e a linguagem numa relação ontológica de ser em si e para si a partir da oposição ao outro. Num olhar classificador, que inclui e exclui elementos a fim de formar uma consciência de si a partir de um processo de identificação em grupos sociais numa implícita relação de poder. O autor se insere em um pensamento de um sujeito centro das ações sociais, seu pensamento melhor se expressa a partir da conceituação representada pelo termo da teoria social anglo-saxônica *agency*, que se refere ao interior da ação individual.

Tampouco as identidades são únicas, mas relacionam-se de formas até aparentemente contraditórias. A importância de se pensar a identidade dentro da contemporaneidade está na constatação de que no mundo pós-colonial características identitárias permanecem como elemento estratégico para a negociação de posições e práticas políticas. Considerando a questão indígena, observa Civalero (2007) que a própria ideia de indígena é uma definição incerta, pois proveniente de significação generalista para designar povos ditos incivilizados, desprovidos dos progressos da civilização e quando aplicada ao continente americano, inclui uma grande diversidade de povos, desde povos nômades a grandes impérios. Para Hall (2012, p. 108) “as identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação”.

De acordo com Bhabha (2007), a condição de relação entre culturas a partir de paradigmas pós-coloniais produz estranhamentos nesses contatos, criando entre-lugares, espaços de fronteiras negociados entre as culturas em perspectivas diferentes. Compreende-se, neste artigo, que a música da Arandu Arakuaa é um destes entre-lugares, espaços de reconhecimento e ressignificações. Embora as características gerais da banda lhe garantam a identidade de uma banda de rock, sua distinta musicalidade a torna singular fazendo com que ocupe um entre-lugar entre as bandas de rock. Segundo Fleuri (2003) muitas vezes o termo interculturalidade tem sido usado para indicar perspectivas culturais dissonantes ou incompatíveis, num sentido de reduzir determinadas culturas como “folclóricas”, como sinônimo de mestiçagem ou ainda a partir da diferença inerente em cada ser humano enquanto sujeito. Para o autor:

Identidade e interculturalidade na banda Arandu Arakuaa

[...] as diferenças étnicas e culturais, aparentemente negadas, de fato, não desaparecem, mas se transformavam em desigualdades sociais e em processos de marginalização. E, por reação, os grupos étnicos subalternos buscavam encontrar nova coesão, polarizando suas forças em torno da defesa de suas identidades originárias. (FLEURI, 2003, p. 19).

Figura 1 – Violas caipiras e maracás no videoclipe *Hêwaka Waktû*



HÊWAKA Waktû (Official Music Video) HD. Arandu Arakuaa. 2015. 1 vídeo (4:50min)
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aT6eLthDwUE>. Acesso em: 16 jun. 2020.

A respeito de sua musicalidade, é perceptível a forma como o uso das línguas indígenas impacta em um primeiro contato, possuindo uma sonoridade ao mesmo tempo diferente e familiar em meio aos espaços onde predomina a língua portuguesa, pela vasta contribuição de línguas como o Tupi. Podemos perceber essa identidade e diferença da língua, em alguns animais citados no videoclipe *îakaré* ‘Y-pe, como o próprio jacaré (*îakaré*), tatu (*tatu*), cutia (*akuti*).

Figura 2 – Elementos da natureza e interculturalidade no videoclipe *Gûyrá*



GÛYRÁ (Official Music Video) HD. Arandu Arakuaa. 2013. 1 vídeo (3:49min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=OXvTZ_tqcYc. Acesso em: 16 jun. 2020.

As letras da Arandu Arakuaa, sejam em Tupi antigo, Xerente, Xavante e até Português, harmonizam-se com a concepção de uma interculturalidade formada por elementos do heavy metal, com música sertaneja, regional e indígena a partir do contato e experiência do idealizador do projeto. Não se trata de uma representação, de apresentar como exótica, ou pelo mito do bom selvagem. A banda verdadeiramente e profundamente têm em sua *ethos* estes elementos. O baixo e a bateria são acompanhados pelos maracás, flautas indígenas e chocalhos; a guitarra alterna seus solos com a viola caipira e com tambores ritualísticos. Segundo Fleuri (2003), a percepção do hibridismo cultural constitui as

Identidade e interculturalidade na banda Arandu Arakuua

identidades em relações interculturais, o que abre campos de possibilidades epistemológicas. Para melhor compreensão das relações de identificação na banda, foram realizadas algumas perguntas ao compositor Zândhio Huku.

Fale sobre sua identificação com a etnia Xerente em Tocantins, sobre sua convivência na terra indígena e como isso influenciou na temática das letras, na musicalidade e estética visual da banda.

Zândhio: É minha avó paterna. Ela é Krahô-Kanela, povos do sul do maranhão e norte do Tocantins. Na época em que ela era criança, mas ela veio pra região central do Tocantins quando meu pai tinha 2 anos de idade e foi natural estabelecer laços de amizade com o povo indígena que vivia lá que são os Xerentes. Na verdade só do lugar de onde a gente morava pra terra indígena Xerente só tinha o Rio do Sono assim que separava e lá na região tinha outros povos também tradicionais, tipo remanescentes de quilombolas que vieram da Bahia, do Piauí. Então eu cresci, não tinha médico, não tinha qualquer presença do estado lá, então eu cresci, eu tinha muito problema de saúde, então eu cresci com muito contato com a medicina tradicional, a medicina de cura, isso que salvou minha vida e contato com essas histórias, com a própria cosmologia daqueles povos. A minha mãe era professora rural, então que é a parte branca da família vamos dizer assim, loira do olho azul, mas a gente também não sabia qual era a ascendência europeia da minha família materna, de onde vinha, era gente da região mesmo, a mistura que é o Brasil. Isso me fazia ter curiosidade de estudar, tanto que depois eu fui estudar educação na Universidade Federal do Tocantins, e aí obviamente o interesse pelos povos indígenas, estudar a questão indígena só aumentava e aí quando eu fui montar a banda a identidade visual e tudo mais foi muito natural eu usar a pintura de Xerente do clã Wahire, que tem esses traços representando as toras de árvore, essas toras de Buriti, e outras árvores enfim toda essa pintura faz parte da questão da cultura deles, da cosmologia deles e tudo mais.

Na entrevista concedida ao canal Ruído Urbano TV, você cita a questão da língua Tupi na história do Brasil colonial e na identificação do brasileiro com esta língua. Qual a importância da língua Tupi na identidade dos povos originários e na identidade nacional?

Zândhio: O tupi tem uma importância muito grande na própria identidade do que viria a ser o brasileiro por uma questão simples. Quando os colonizadores chegaram, chegaram numa região onde o tupi era a língua mais falada, então precisava se estabelecer algum tipo de comunicação com aqueles povos. E aí, com a vinda dos jesuítas, toda estratégia do estado de dominação, tinha isso também a questão da religião na época. E aí nessa fusão toda meio que muitas palavras do tupi foram usadas no português, isso existe até hoje; que houve uma época que se imaginava que não falava mais tupi mas de um tempo pra cá existem estudos e muitos povos que originalmente falavam tupi depois deixaram de falar mas não deixaram de falar totalmente preservaram seus cânticos e muitas suas coisas tá tendo um esforço para que a língua seja falada para aqueles, pelo que restou daqueles povos, enfim existe trabalho que é bem legal, e de alguma forma os jesuítas também contribuíram deixando material para ser estudado posteriormente.

Além do Tupi antigo e Xerente, porque a escolha pelo idioma Xavante?

Zândhio: Os Xavantes também são povos do cerrado que originalmente moravam muito próximos dos Xerentes, a língua é parecida do tronco Jê, e eu sempre tinha interesse na cultura desses povos indígenas em especial do cerrado, Karajá Xambioá, todo esse povo dessa região. Mas já aqui em Brasília eu conheci alguns Xavantes, eu tinha um amigo próximo assim, Xavante. Ele foi me ensinando algumas coisas, ele foi super gentil de me ensinar algumas coisas da língua e eu comecei a utilizar. Tem poucas músicas, mas tem, justamente para demonstrar essa diversidade de idiomas que o Brasil tem. E no futuro eu pretendo também usar outros idiomas também, obviamente isso acontece de forma natural quando se tem amigos que se dispõem a ensinar alguma coisa, e mesmo que a gente não fale de forma fluente, que não tenha contato o tempo todo, são línguas orais, a gente pede alguma ajuda de quem é fluente e ensinou pra fazer alguma correção antes de finalizar a letra.

Sobre a importância histórica pela escolha por começar compondo músicas em Tupi, é necessário apontar, a princípio, o que representa o Tupi para a identidade indígena nacional. Iniciando-se a colonização pela costa atlântica, os portugueses depararam-se com a resistência dos Tupis. Segundo Guaracy (2015), estimava-se que na costa brasileira havia cerca de um milhão de índios tupis. O autor rechaça a perspectiva da História oficial ensinada nas escolas, onde o Brasil é descoberto por Cabral no ano de 1500, indicando um território habitado há milhares de anos por diversos povos, sujeitos de sua história. Assim, a identificação da cultura indígena em toda sua diversidade com a língua Tupi trata-se de um movimento de identidade dos povos originários do território denominado Brasil em relação aos conquistadores portugueses. Segundo Cunha (2012), a imagem que temos hoje dos indígenas é muito diferente do que se imaginaria do Brasil nos tempos pré-cabralianos. A situação colonial acaba por afetar os indígenas como um todo. Segundo a autora, “O que é hoje o Brasil indígena são fragmentos de um tecido social cuja trama, muito mais complexa e abrangente, cobria provavelmente o território como um todo” (CUNHA, 2012, p. 13). Segundo Viveiros de Castro (2004), o pensamento ameríndio se manifesta numa qualidade perspectiva que compreende enquanto sujeitos, figuras humanas e não-humanas, diferente da perspectiva da ontologia cartesiana, onde há uma clara distinção entre a cultura (humano) e a natureza. Para o autor, “a concepção ameríndia suporia, ao contrário, uma unidade do espírito e uma diversidade dos corpos. A cultura ou o sujeito seriam aqui a forma

do universal, a natureza ou o objeto a forma do particular”. (VIVEIROS DE CASTRO, 2004, p. 226).

Figura 3 – Perspectivismo no videoclipe *îakaré ‘y-pe*



ÎAKARÉ 'Y-pe (Official Lyric Video) HD. Arandu Arakuaa. 2014. 1 vídeo (2:10). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3wglIXm4r4I>. Acesso em: 16 jun. 2020.

Esse perspectivismo se faz presente na música *îakaré 'y-pe* (do tupi, rio dos jacarés, único videoclipe da banda realizado a partir de desenhos), que trata de uma história onde uma menina, ao dormir às margens do rio, é morta por um jacaré. Diz a letra traduzida para o português: “chamo o velho curandeiro, chamo os cantadores, chamo a cutia, chamo o sapo, o sapo canta, o curandeiro toca flauta de osso, vamos fazer voltar, fazer viver a menina, nós cantamos muito”. O curandeiro (*paîg-ûera*), os cantadores (*maracá-êp*), a cutia

(*akuti*), e o sapo (*kururu*) ocupam um mesmo plano dentro da visão mitológica que implica a prática ritualística.

Figura 4 – O olhar indígena e o *Aruanãs* no videoclipe *Aruanãs*.



ARUANÃS (Official Music Video) HD. Arandu Arakuaa. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=L11HRPYon7o>. 2014. 1 vídeo (4:06min). Acesso em 16 jun. 2020.

No videoclipe *Aruanãs* do álbum *Kó Yby Oré* (2013), somos introduzidos à cosmovisão e perspectivismo indígena a partir da representação das *Aruanãs* conforme indicado no vídeo, “espíritos dos ancestrais aquáticos dos povos Karajé e Javaé que uma vez ao ano emergem para uma festa em seu nome”. No vídeo os *aruanãs* surgem a partir de um olhar contemplativo de um jovem indígena. Segundo depoimento de um indígena Karajá sobre a

Identidade e interculturalidade na banda Arandu Arakuaa

feira de Aruanãs presente no documentário Karajás (1999), depoimento iniciado ao sexto minuto do vídeo:

A festa de aruanãs está em tempo de festejar. Quatro partes de festejo: comida pequena, comida grande, mel pequeno e mel grande. Essa é uma parte do início que tão fazendo é a festa. E aruanãs representa é o espírito dos mortos, dos que foram mortos né, e também é os bichos, príncipe encantado, porque os Xamãs vêm por visão espiritual, não visão normal, visão espiritual. Então eles vejam lá embaixo no fundo d'água e contam para os homens como podem fazer aquela pintura como ali, então esse aruanã não pode ser revelado para as mulheres, que quem ta dançando as índias não podem saber, porque desde a cultura antiga é assim.

Figura 5 – Álvaro Tukano (acima) e Ailton Krenak no videoclipe *Ïpredu*



ÏPREDU (Official Music Video) HD. Arandu Arakuaa. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ouOclDgp-70>. 2016. 1 vídeo (5:08). Acesso em: 16 jun. 2020.

Essa temática que envolve a cosmovisão indígena será também utilizada nos videoclipes do segundo disco da banda, *Wdê Nnãkrda* (2015). Do segundo álbum, foram

produzidos os videoclipes *Ïpredu* (ancião em Xavante) tendo nas lideranças Ailton Krenak e Álvaro Tukano um claro referencial político e *Hêwaka Waktû* (nuvem negra em Xerente) que reflete uma situação ritualística nas preces à vinda da chuva. A entrevista prossegue relativa a este videoclipe.

No videoclipe da música *Ïpredu*, parte das cenas foram gravadas no Memorial dos Povos Indígenas em Brasília, na cerimônia de encerramento da Vigília Guarani-Kaiowá, com a participação de lideranças como Ailton Krenak e Álvaro Tukano. Trata-se assim, de um videoclipe de explícita referência política. Como avalia a questão indígena no Brasil atual e como isso reflete na produção musical da banda?

Zândhio: é foi uma situação de oportunidade também da época que a gente tava gravando o clipe né, eu sou amigo, conheço o diretor lá do Memorial dos Povos Indígenas, que é uma grande liderança indígena também que é o Álvaro Tukano que aparece no vídeo e eu dava apoio lá nos eventos colaborava com a organização dos eventos lá também e uma dessas oportunidades o Ailton Krenak estava em uma reunião e a gente teve essa chance de conversar com ele, de ter uma conversa informal, eu tive a oportunidade de dar um CD da Arandu pra ele, na época o segundo CD, o *Wdê Nnãkrda* e aí no dia do encerramento da vigília eu tava participando lá ajudando na parte de organização e pedi autorização a eles, tanto ao Álvaro Tukano como diretor do Memorial e do Ailton também se a gente podia filmar eles. Eles foram super gentis em concordar com isso e aí é uma forma também da gente demonstrar que a gente ta antenado com a questão política, com a questão da luta dos povos indígenas eu sempre participei nos bastidores apesar de saber que a minha maior contribuição vai ser como artista mesmo, como educador, mas o Ailton Krenak é uma das maiores referências que a gente tem de liderança indígena de pessoas que contribuem pra luta, o Ailton Krenak até onde eu sei foi o único indígena a participar da constituinte de 88. Complementando, eu como um indígena, um mestiço misturado com não indígena, morando na cidade, aqui em Brasília tem muitos indígenas na mesma situação não tem terra pra todo mundo, então não tem como mais o indígena viver lá na aldeia porque acabou a caça acabou o peixe tem que procurar alternativas que é a vida urbana. O Brasil cresceu pra ser um país urbano e na zona rural tem os latifundiários que abastecem toda a comunidade urbana, enfim e toda essa questão da exportação e a luta indígena ela vai em torno disso primeiramente de se ter direito a terra porque a partir do momento que se tem a terra que se tem de onde vem tudo se as chances maiores de se preservar a cultura porque a conexão da cultura com a espiritualidade indígena ela tá toda na terra na mata sacou se você acaba com a mata você acaba com tudo isso porque os deuses vamos dizer assim toda a crença tá na própria mata, tá nos próprios animais. A força das medicinas sagradas indígenas ela vem das árvores dos animais. Então eu como indígena misturado com não indígena vivendo toda essa situação e coloco tudo isso nas minhas músicas, em toda a questão conceitual que a banda tem, lógico falando de uma linguagem um pouco diferente, a gente não faz muito música de protesto na cara, com essa pegada mais agressiva vamos dizer assim, mas

Identidade e interculturalidade na banda Arandu Arakuaa

nas entrelinhas tem muito disso, dessa questão atual, na própria imagem na banda tem isso também, na minha própria imagem eu coloquei isso, porra você tem um cara de pele clara com traços indígenas lá pintado de índio como uma guitarra e uma viola, que é uma viola caipira também, então tem tudo ali, a questão indígena, a questão do sertanejo, do caipira e a questão moderna do heavy metal da cidade e do caos e tudo mais e aí lógico que tudo isso é repartido é também os nossos outros colegas de banda que não tiveram oportunidade de ter essa vivência que eu tive mas tão conectados com isso e quando entram na banda é justamente porque se identificam, é basicamente isso que a gente tá conectado a tudo isso e tenta jogar isso pra fora em forma de arte para que as pessoas se sensibilizem pelo menos tenham alguma curiosidade a partir da música e lá e ter mais conhecimento que isso acontece muito, a pessoa tem muito interesse, as vezes não conhece nada sobre cultura indígena e a partir do momento que conhece nossa música vai lá e começa a pesquisar. Agora com Bolsonaro, um governo de extrema direita no poder, os direitos das minorias estão cada vez mais ameaçados. Com os povos indígenas não é diferente, mas isso acaba também nos forçando a nos organizar melhor para lutar pela manutenção dos direitos adquiridos e seguirmos avançando. Acaba que a luta dos povos indígenas é um ato de resistência, sendo a luta pela vida do planeta, de modo que não indígenas também se sentem representados e procuram fazer parte.

Do terceiro disco, *Mrã Waze* (2018), foram produzidos os videoclipes *Huku Hêmba* (espírito da onça em Xerente) e *Îasy* (lua em Tupi antigo). Percebe-se aqui um desenvolvimento técnico para a produção destes videoclipes, desde a representação do espírito da onça e nas técnicas para imagens da lua em fortes colorações. Uma utilização maior de cores, fortes elementos estéticos nas representações da onça e da lua. Segue a entrevista com Zândhio Huku.

Elementos da natureza e a mitologia dos povos indígenas são frequentes, fundamentais na proposta da Arandu Arakuaa, como abordados em videoclipes como *Aruanãs*, *îakaré 'Y-pe*, *Hêwaka Waktû*, *Gûyrá* e outros mais recentes como *Huku Hêmba* e, *Îasy*, onde nota-se também uma crescente utilização das pinturas corporais. Qual a importância da estética visual para a banda e como se dá o processo criativo dos vídeos produzidos? Como essa estética se relaciona com a cosmovisão indígena?

Zândhio: a estética visual é muito importante pro artista pra ele se identificar quando você vai ouvir de uma linguagem audiovisual então você meio que tem que demonstrar através de imagens a relação que as imagens existem com a sua música, com o conceito que você tem por trás daquela música, conceito que tu tem por trás da tua arte, no nosso caso também a banda tem um conceito bem estabelecido e letras que giram em torno disso e a gente vai criando dentro das possibilidades de recursos de uma banda independente e dentro da linguagem estética que a gente se propõe a mostrar e também lógico que a identidade visual ela é muito importante também se relaciona muito bem com os povos originários do Brasil porque cada grupo tem a sua própria identidade visual que é baseada na sua

própria cosmologia, e tem povos que tem suas pinturas fixas que são usadas em todos os tipos de situações e tem os povos que te a pintura específica pra cada tipo de situação, pra questão de ritual específico, na questão de guerra e coisa assim. Então a gente meio que se baseia nisso já que nossos temas são direcionados pra isso e a gente tenta fazer dentro das nossas produções independentes.

Figura 6 – O espírito da onça no videoclipe *Huku Hêmba*



HUKU Hêmba (Espírito da Onça/*Jaguar Spirit* – 528 Hz & 741 Hz) HD. Arandu Arakuaa. 2018. 1 vídeo (5:27min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=n5C3xD_M9CA. Acesso em 16 jun. 2020.

Segundo Zândhio, em vídeo que fala sobre o conceito da música *Huku Hêmba* (2018a), a música relata o uso das medicinas de cura pelos pajés com a energia dos animais, nesse caso da onça pintada, um animal muito conhecido e cultuado pelos povos da América

Identidade e interculturalidade na banda Arandu Arakuaa

Latina, tendo casos de povos onça. A música surgiu de uma experiência pessoal do compositor, que desde criança sentia a presença espiritual da onça. Nesta espiritualidade, a sintonia com algum animal representa características de identificação com o animal. Na música *Íasy*, Zândhio (2018b) destaca a relação do calendário biológica com o calendário da lua com os povos indígenas, ressalta a dualidade onde para alguns povos, a lua representa o macho e o sol a fêmea, uma conexão espiritual muito forte com a lua. Dessa forma, a composição foi realizada durante um eclipse lunar total, um poema de gratidão à lua.

Fig. 7 – A lua no videoclipe *Íasy*



ÍASY (Lua/Luna/Moon – 528 HZ & 741Hz) HD. Arandu Arakuaa. 2018. 1 vídeo (5:04min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1xC1y1xa3ac>. Acesso em: 16 jun. 2020.

Esse saber da experiência, que parte da experiência mística da cura vivida por Zândhio, permite que algo desse sentimento possa ser transmitido pela composição estética

que forma as composições da banda e que introduzem e reafirmam uma identidade híbrida, constituída por representações que não cabem em uma definição essencialista. Trata-se de uma identidade composta por identidades singulares, que celebram a diferença e a experiência. Sobre esse saber da experiência, Larrosa Bondía (2002) afirma que a experiência é o que nos acontece e que o saber resultante dessa experiência tem relação com o pensamento que nos liga a determinadas comunidades. A musicalidade da banda Arandu Arakuaa traduz “O sentido ou o sem-sentido de sua própria existência, de sua própria finitude”. (LARROSA BONDÍA, 2002, p. 27).

Conclusão

Entendida como um entre-lugar, um espaço de interculturalidade, a estética visual e sonora da banda Arandu Arakuaa se trata de um trabalho de grande originalidade, sem igual na música brasileira. Os elementos presentes da cosmovisão dos povos indígenas, na temática da natureza, dos animais, das histórias, dos rituais, é fruto do saber da experiência pessoal do idealizador da banda Zândhio Huku. No projeto, o compositor integra instrumentos musicais indígenas como flautas, maracás, apitos, com instrumentos do rock e da música sertaneja. O uso de línguas indígenas como o Tupi, Xerente e Xavante, representa em si um movimento de auto-afirmação cultural associado a uma reação à dominação da sociedade hegemônica, onde se tem uma valorização do perpectivismo indígena e do modo de viver e ser da cultura indígena. Os estudos culturais nos apresentam hoje uma dinâmica baseada na identificação, em processos de ressignificações, onde essas resistências criam novas formas de identidade, atuando, também, de forma política por meio de práticas interculturais. A estética apresentada pela banda Arandu Arakuaa é puro expesso de um devir musical imanente a uma ética de existência outra. Essa experiência musical pode nos tornar, também, ética e esteticamente outros...

Referências

BHABHA, Homi K. **O local da cultural**. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto, Portugal: Porto Editora, 1994.

CIVALLERO, Edgardo. **Bibliotecas en comunidades indígenas: guia de acción y reflexión**. Córdoba, Argentina: Wayrachaki, 2007.

CONCEITO da música *Huku Hêmba*. Zândhio Huku. 2018. 1 vídeo (5:09min). Publicado pelo Canal Arandu Arakuaa. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eagDWJIRQRY>. Acesso em 16 jun. 2020.

CONCEITO da música *Íasy*. Zândhio Huku. 2018. 1 vídeo (4:25min). Publicado pelo Canal Arandu Arakuaa. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MgIK1Fclkt0>. Acesso em 16 jun. 2020.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Índios no Brasil: história, direitos e cidadania**. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

ENTREVISTA com a banda de metal Arandu Arakuaa. Roteiro: Donna Paula. 2015. 1 vídeo (16:43min). Publicado pelo Canal Ruido Urbano TV. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1-lrzKULqKA&t=321s>. Acesso em 16 jun. 2020.

FLEURI, Reinaldo Matias. Intercultura e educação. **Revista Brasileira de Educação**. n. 23, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a02.pdf>. Acesso em 16 jun. 2020.

GUARACY, Thales. **A conquista do Brasil: 1500-1600**. São Paulo: Planeta, 2015.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

KARAJÁS – completo. Realização: Leonardo Duarte, Alfeu França, Gustavo Duarte, Bernardo Brick. 1999. 1 vídeo (19:52min). Publicado pelo Canal Interzona. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_4wBCaC5Pf8. Acesso em 16 jun. 2020.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. n. 19. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>. Acesso em 16 jun. 2020.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História e Ciências Sociais**. v.1, n.1. Jul. 2009. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10351/0>. Acesso em 16 jun. 2020.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena. **Revista O que nos faz pensar**. n. 18. Disponível em: http://oquenofazpensar.fil.puc-rio.br/import/pdf_articles/OQNFP_18_13_eduardo_viveiros_de_castro.pdf. Acesso em: 16 jun. 2020.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2012.

Discografia da banda Arandu Arakuaa

ARANDU Arakuaa EP. Compositor, intérprete e produtor: Arandu Arakuaa. Brasília: Independente, 2012. 1 CD (16min).

KÓ Yby Oré. Compositor e intérprete: Arandu Arakuaa. Produtor: Caio Duarte. Brasília: Independente, 2013. 1 CD (46 min).

WDÊ Nnãrkda. Compositor e intérprete: Arandu Arakuaa. Produtor: Caio Duarte. Brasília: Independente, 2015. 1 CD (45 min).

MRÃ Waze. Compositor e intérprete: Arandu Arakuaa. Produtor: Caio Duarte. Brasília: Independente, 2018. 1 CD (46 min).

Sobre os autores

Luiz Felipe Sousa Curvo

Bacharel em Biblioteconomia pela UnB (2014). Especialista em Política de igualdade racial no ambiente escolar pela UFMA (2016). Mestre em Educação pela Unemat (2020). Bibliotecário-documentalista do IFMA Campus Barra do Corda. Colaborador da Academia Barra-Cordense de Letras. E-mail: luiz.curvo88@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0476-5663>.

Maritza Maciel Castrillon Maldonado

Licenciada em Pedagogia pela Unemat (1993). Mestre em Educação pela UFRGS (2001). Doutora em Educação pela UFF (2009). Concluiu estágio sanduíche na Universidade Complutense de Madrid, Espanha. Concluiu em 2015 estágio de pós-doutorado no PROPEd/UERJ/CNPq. Professora titular da Unemat, atuando no Programa de Pós-Graduação em Educação e na Faculdade de Educação e Linguagem. E-mail: maritzacmaldonado@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6574-4463>.

Recebido em: 17/06/2020

Aceito para publicação em: 30/06/2020